

## Orelha 1

Eis uma coletânea de poesias, respondendo a um impulso de criação artística da autora e a seu desejo de compartilhar experiências com seus leitores, pois, como disse Proust, *todo leitor é leitor de si mesmo*, no sentido de que ele se descobre na leitura de um poema, conto, crônica, romance etc, quando então o mundo se reinterpreta em personagens que são também ele, leitor.

São poesias curtas, pois pensou-se em leitores sem tempo para longas leituras e lembrando-quanto poemas crônicas, contos etc, podem preencher o tempo numa longa e cansativa fila de espera, seja nos Correios, em bancos, aeroportos, até mesmo esperando o nono chegar.

Sabe-se hoje que a leitura é um dos mais importantes instrumentos para chegar-se à competência linguística e simultaneamente à lucidez do pensamento. Quem lê vale mais, afirmam os professores. E daí a importância do hábito de ler e quanto mais cedo, melhor.

Mesmo que a criança não revele inequívoco gosto pela leitura, o que é comum, deve-se insistir, dada sua importância no desenvolvimento da inteligência e da imaginação.

## Orelha 2



## Orelha 2

A autora é licenciada em Letras, especializada em Linguística, pedagoga. Premiada pela UBE, Rio, com *A Gruta Azul e Carnaval*; pelo Governo da Paraíba, com *À Espera*; pela Ed. Porto de Lenha, Gramado, RS, com *Vozes da Primavera*, todos coletâneas de contos e crônicas. Na literatura infanto-juvenil, publicou *Naná e o Beijafior*; na poesia: *Pulsar, A margem da vida, Des/encontros, Alegria... Alegria... e Assim Camihamos*.

. A autora participa de antologias de contos premiados no Brasil, Paraguai, Portugal e Itália. Maria Aparecida reside em Itararé SP. contatos: maria-13@uol.com.br

# Capa-Tarcila do Amaral- Mamoeiros

## Contracapa

### Estrangeiro

Tantos anos vivi entre luzes e sombras.  
Tantas as perguntas que ficaram sem resposta  
sobre os enigmas todos da existência.

Sigo (ou faço?) agora meu caminho,  
indiferente ao que se passa à minha volta,  
como se o tempo ou os contratempos  
contra tudo me imunizassem.

Violência, ganância, indiferença se expandem...  
Crianças armadas matam adultos inocentes.  
Políticos corruptos locupletam seus bolsos.

Mulheres seminuas rebolam na TV,  
celebridades corpóreas ou bem falantes  
são agora grande entretenimento,  
neste circo em que nos transformamos.

Vozes conscientes, vozes discordantes  
ainda se levantam do povo anestesiado  
por suas novelas e futebol endeusado.

Sou agora, o estrangeiro, o mendigo  
do cemitério dos velhos elefantes.  
Sou o solitário lobo perdido na estepe,  
Sou personagem de Trevisan e Hesse.

**Maria Aparecida Sanches Coquemala**



# Canto ao amor

**Poesias**

**Ed**

**Ao Walton**



**Filho e amigo muito querido.**

## Sumário

Abandono  
Adeus  
  
À margem da vida  
Amigo  
Ao luar  
A queda dos conjuntos  
A revolta  
  A rosa vermelha  
Big Bang  
Canaã  
Canto ao amor  
Carta  
Causa mortis  
Charme  
Clamor  
Consciência  
Coronas  
Crepuscular  
Criação  
Da rosa cor-de-rosa  
Depressão  
Desejo  
Despedida  
Duplicidades  
E naquela noite  
Entre lírios e roas  
Favela  
Fuga  
Gargalhada  
Gata  
Indagações  
Infinitude  
Invasores

Jogue flores  
Lobo da estepe  
Metamorfose  
Milagre  
Minha alma  
Morrer  
Sol e chuva  
Tarde demais  
Viva Descartes  
Mundo  
Natal  
O barqueiro  
O menino  
Opções  
Porque os amavam  
Quando ela passa  
RebeliãRedenção  
Romeu e Julieta  
Saudade  
Verdade  
Viva Descartes

## Abandono

Orquestrados na noite enluarada,  
coaxam sapos, cantam grilos,  
piam pássaros noturnos.

Gemidos de amantes  
vêm de páramos distantes,  
trazidos pela brisa.

Súbito,

da janela escancarada no universo,  
ressoando pela noite esplendorosa,  
ouve-se a primeira gargalhada.

Calam-se as vozes.

Ecoando pelos vales,  
só se ouve a gargalhada.

Riam...

Riam os deuses zombeteiros,  
riam do que sou sou, do que um dia  
decretaram que eu seria.

Trilhando caminhos traiçoeiros,  
tropeçando nas garrafas,  
sob o sol ou sob a chuva,  
virando calendários,

bebi todas.

Afundi-me no esgoto das intolerâncias,  
atolei-me no pantanal dos preconceitos,  
estrelas brilharam sobre meu corpo na sarjeta,  
o sol me queimou a face adormecida.

E no estertor desta vida que se finda,  
sob este luar de prata,  
só me cercam os vultos das garrafas.

Vazias as garrafas.

Vazia a existência desvalida.



## Adeus

Adeus, Anna,  
amiga de todas as horas.

Você se foi de repente,  
sem se despedir,  
tão rápida a levou a morte.

Que tristeza... Que saudade...

Mas, não, você não morreu,  
viva está e sempre estará  
comigo, com sua família,  
e amigos, em lembranças  
no tempo. se repetindo.

Ah, querida amiga, tantos anos  
de inesquecível convivência,  
ora próximas, ora distantes,  
a distância não nos separava.

Que saudade de suas gargalhadas  
alegando nossas longas parolagens,  
mesmo quando a terrível enfermidade  
de você já se apoderara.

Com que alegria conversávamos  
trocando notícias, rindo, rindo demais.  
Mesmo doente, a vida nesses momentos,  
lhe parecia ainda muito bela.

Os que se vão para sempre,  
entes queridos, não se apagam,  
não morrem, vivem e viverão  
em nossas lembranças,  
e não, nunca vão embora.

Anna, querida, receba aí no Além  
nossos votos de futuro reencontro  
felizes todos nós na eternidade.

## À margem da vida

Sentei-me com meu lanche  
à mesa de uma lanchonete,  
à beira de uma estrada.  
À mesa bem em frente,  
quase ao mesmo tempo,  
sentou-se um desconhecido  
com seu abastecido prato.

Nossos olhares se cruzaram.  
Não saberia dizer quem ele era.  
Mas, não gosto que me olhe,  
quem ainda não conheço,  
do jeito que me olhava.

Disfarçada, continuei a observá-lo.  
E o flagrava olhando para mim.  
Constrangida, baixava os olhos  
Flagrado, o homem disfarçava.  
Talvez não desejasse  
que eu visse que me olhava.  
Ou não queria ser olhado?

*Eis a questão*, como disse o Bardo.

Continuávamos comendo devagar...  
Eu já nem distinguia o que comia.  
Comeria um rato, fosse o caso.  
E sempre disfarçando eu sabia,  
que persistia olhando para mim.

Vagarosos comendo, seguíamos  
entre os recíprocos olhares...  
Quem era? Insistente me perguntava.  
E afinal... Por que tanto me olhava?  
Quem sabe um enviado das estrelas,  
ousei pensar com meus botões,  
querendo com alguém dividir

tempos de indesejável solidão.

E pela mão do destino me encontrando  
no interior de uma lanchonete,  
à margem de uma estrada de carros e da vida,  
eu, tão solitária quanto ele próprio.

Súbito, chega minha esperada amiga.

Fui saindo devagar e já na porta,  
me voltei por alguns segundos e lhe sorri.

Sorrindo me acenou, acenei também.

Não, não era um enviado das estrelas.

Nunca mais o vi.

## Amigo

Como se a difícil decisão  
fatalmente o empurrasse,  
chega à margem do abismo,  
seguido de seu velho cão.

Um passo a mais e para sempre  
seus suplícios: findariam:  
a impagável dívida acumulada,  
o indomável vício da bebida,  
capciosa, devagar o devorando;  
a solidão, depois de abandonado  
pela mulher, filhos e amigos;  
até o abandono de si mesmo,  
sujo, solitário, quase um trapo.

Levanta a perna para o passo final.  
Um intruso fortemente o agarra,  
tentando impedir o gesto fatal.  
Caem juntos no abismo,  
ele e seu velho cão amigo.

## Ao luar

Alex, a Lua entrou pela janela,  
aos acordes da *Sonata ao Luar*.  
Gatos namoram nos telhados.  
Sussurros de amantes  
vêm de páramos distantes,  
trazidos pela brisa  
na noite estival.

Grilos cantam incessantes  
chamando pares perfeitos,  
como nós também um dia,  
entre beijos e abraços,  
música e poesia.

Leviana, eu imaginava,  
morta, vencida pelo tempo,  
a paixão de outrora,  
sob os sete palmos das decepções.  
Diria que até malcheirosa e enterrada  
nos socavões do mais fundo da memória.

Mas, na neblina das lembranças,  
revejo nossos beijos e abraços,  
nossos corpos na febre do desejo  
unindo-se ansiosos no leito nupcial.

Alex, a Lua se escondeu atrás das nuvens.  
Cessaram os acordes da *Sonata ao Luar*.  
Gatos desceram dos telhados,  
grilos e amantes se calaram.  
Ecos do Amor vão se esvaindo  
na tristeza da noite estival.

## A queda dos conjuntos

Talvez porque perfumada de murta,  
a Lua entrasse pela janela,  
por onde chegavam delirantes  
miados de gatos se matando  
pelas gatas nos telhados;  
ou porque o vinho das plagas lusitanas  
ainda recendesse pela sala  
e Baco incentivasse à aventura  
o coração inquieto que buscava  
nem sabia bem o quê,  
mas haveria de saber quando encontrasse,  
saiu a procurar pela noite  
em paragens onde espaço sempre havia.  
E ela o encontrou:

O matemático brilhante,  
que inquieto buscava e rebuscava  
na perfeição da matemática—  
lógica, clara, exata *ad infinitum*,  
comparativamente à vida humana,  
plena de dilemas e conflitos—  
como caber-se na teoria dos conjuntos,  
encontrar a alma afim, e na intersecção,  
pôr fim à solidão de dois conjuntos.

Enquanto a mesma Lua entrava pela janela  
miados dos gatos chegavam dos telhados  
e Baco alegremente incentivava:  
— *Vamos, meu Lorde, esquece a matemática,  
os números são frios,  
precisas do calor de um corpo humano!*  
Esperançoso, entrou naquele mundo

onde espaço sempre havia,  
e lá a encontrou.

E atraídos pelos abstratos corpos,  
ei-los que animados já conversam  
desconfiados de que já se conheciam.  
Mas... as forças do Universo conspiraram:  
um raio cortou o céu, a conexão caiu,  
o retorno demorou, gatos se foram do telhado,  
o vinho acabou, a Lua se escondeu atrás das nuvens,  
o perfume da murta se esgotou.  
A intersecção não resistiu.  
Separaram-se para sempre os dois conjuntos.

## **A revolta**

Manhã, fria, chuvosa.  
Ônibus lotados.  
Capas, guarda-chuvas,  
botas, sombrinhas,  
chinelos, sapatos velhos  
de pedestres apressados  
se confundem na calçada,  
rumando ao trabalho.  
Centenas de táxis  
vêm e vão de todo lado.  
Lugares vagos contrastam  
com os de ônibus lotados.

De repente, na rua, na chuva,  
o homem grita e gesticula adoidado:  
- É um absurdo, estamos todos cegos?  
Todos surdos? Todos mudos?  
Esquecemos mil setecentos e oitenta e nove?  
Nossas bastilhas se encheram  
de marginalizados, de injustiçados,  
enquanto locupletam os bolsos  
empresários, políticos e apadrinhados!  
E ninguém vê? Ninguém age?  
E se o povo não tem pão que coma o quê?  
Cadê nossa guilhotina, nosso Robespierre?  
Morte pra essa cambada de ladrões do povo!

A Polícia chegou e agarrando-o  
truculenta, o arrastou a uma bastilha,  
onde rápido se juntou ao PCC.  
Na rua, enfurecida, gritava a multidão:



- *Cadê nosso direito de expressão?*

## **A rosa vermelha**

Manhã ensolarada.

Claudicante, a cabeleira branca

resplandecente ao sol,

o homem caminha curvado

ao peso da idade

e das intempéries da vida.

Leva com ele uma rosa vermelha.

A mulher que passa,

enternecida se detém.

- *Uma rosa para sua mulher?*

O homem sorri tristemente:

- *Minha mulher já é cinza*

*que o vento dispersou.*

Perplexa, a mulher se afasta.

Quebrara-se o encanto do momento.

Vai refletindo, se perguntando

se há algo mais desprezível que o tempo

que com seu cinzel perverso

retira de cada um o viço,

expondo à velhice a sua finitude.

A rosa vermelha é agora

uma ferida que sangra.

## Big Bang

O que sei sobre a história do universo  
é que tudo que nele hoje existe  
procede de uma única partícula  
a cuja expansão, chamamos Big Bang.

Mas, que sabemos todos nós  
sobre essa primeira partícula  
que em seu bojo já trazia  
tudo que no Universo existe?

Cientistas não explicam com certeza,  
se tudo começou com sua expansão  
e o nada até então era só o que existia.

Eis um grande mistério em nossa vida:  
de onde teria vindo a tal partícula  
ou criou-se ela por si mesma?

Dela viemos, da poeira das estrelas,  
depois algas e pela evolução darwiniana  
chegamos aos primatas, são nossos  
ascendentes, gorilas, chimpanzés  
e orangotangos.

Não sou hoje quem fui ontem,  
não serei amanhã quem hoje sou.  
Nada é como era, como disse o poeta,  
tudo é mutável neste mundo  
de incertezas.

Enfim, não sei exatamente quem sou  
neste nosso misterioso lar universal,  
por tudo que ignoro e por nada prever  
sobre o pós-retorno à poeira estelar

## Canaã

Nenhum reflexo do sol  
no fio das enxadas, foices e facões.  
Não brilham os olhos dos fabianos  
na retirada dos meios urbanos,  
expulsos pela globalização.  
Urubus pontilham o céu sem nuvens.  
A paisagem é graciliana.  
Mãos encardidas caçam piolhos aninhados  
nos emaranhados dos cabelos infantis.  
Na terra seca se ajeitam, com pouco sobrevivem.  
Uma voz comanda, António Conselheiro.  
Biblicamente faz brotar esperanças:  
terra para os Sem-Terra.  
Do árido chão há de brotar o verde.

Canaã.

O sol é uma bola dourada no poente.  
Trilham os caminhos, os poucos trastes carregando.  
O calor não ameniza, chuva nenhuma.  
E se chovesse, uma copa de árvore bastaria,  
habitados todos a pontes e viadutos.  
António Conselheiro sabe inclui-los sem conflitos.  
Teto para os Sem-Teto.  
O canavial farfalha verdes esperanças.

Canaã.

Calor sufocante... estrada poeirenta...  
Abre sulcos, o suor, na poeira dos rostos,  
queimados pelo sol.  
Miragem? Os olhos se encantam:  
ali o verde das lavouras, pomares e jardins.  
Trabalho sobrando para todos.  
Contrato nenhum é preciso.  
Folhas verdes são mensagens de esperança.

Canaã.

Pela ardência dos caminhos, vêm os marginalizados,  
mendigos, crianças abandonadas, mulheres desvalidas.  
Repete-se o milagre da multiplicação dos pães.  
Jorra o vinho de tonéis nunca esgotados.  
Vinho e pães igualmente repartidos.

Canaã.

E vieram de carro os profissionais liberais,  
e a cidade se encheu de doutores;  
vieram de avião os empresários  
e o azul do céu foi se tornando cinza;  
vieram de helicóptero os banqueiros,  
e cifrões se infiltraram até nos corações;  
vieram nos mais variados veículos, os políticos  
e com eles a corrupção;  
vieram os corretores  
e os bens anônimos tiveram possuidores:  
Com-Terra, Com-Teto, Com-Emprego.  
O farfalhar dos canaviais se enfraquecia  
entre as vozes midiáticas.

Canaã?

Casebres, fumaça, urubus, lixões...  
Crianças nas ruas, pedintes nas esquinas.  
António Conselheiro é uma pálida lembrança.  
Flores do campo crescem na humilde sepultura,  
onde pousam borboletas azuis.

Canaã?

Nenhum reflexo do sol  
no fio das enxadas, foices e facões.  
Não brilham os olhos dos fabianos  
na anti-retirada dos meios urbanos...

## Canto ao Amor

Meu amor não tem ainda nome.

Apaixonada, construo sua face naquele São Jorge heroico,  
matando o dragão de todas as minhas vontades,  
em noites de Lua cheia,  
quando cantam os grilos chamando pares perfeitos  
e vaga-lumes cintilam abrindo caminhos de luz,  
por onde de mãos dadas vamos jurar nosso amor eterno.

Quando falar de amor, terá na voz,  
acentos de canção napolitana,  
cantada em italiano da Toscana,  
na Gruta Azul.

E ao soar da flauta tangida pela brisa  
na primeira hora da manhã,  
levando para longe a última estrela matutina,  
vislumbrarei seu corpo nunca visto na crua realidade,  
caminhando ansioso aos meus braços estendidos.

Teci para ele um tapete de carinhos,  
dia após dia, qual Penélope fiel  
à espera do momento supremo,  
quando todas as trombetas soarão em uníssono  
na celebração do amor.

## Carta

Tua carta, meu amor,  
não foi uma fria mensagem eletrônica,  
como bilhões se cruzando pelo mundo,  
a cada dia mais perigosamente virtual,  
a ponto de alguns já se perguntarem:  
até quando seremos humanos materiais.

Tua carta, porém, por tua mão escrita,  
te enquadra na plena e bela realidade  
com teu inconfundível cheiro de virilidade  
e o tato de tuas mãos quando me tocas.

Tuas palavras me chegam aos ouvidos  
como se tu mesmo aqui as dissesses.

*Saudade*, em cada linha me revelas.

*Logo escrevo mais*, esperançoso, informas.

Nada lembra nela, a fria neutralidade  
das mensagens eletrônicas.

Escreve, sim, não por cabos e ondas.  
Que tua carta venha, mesmo em ônibus  
mambembe ou velha maria fumaça  
mal se equilibrando nos trilhos,  
até mesmo num velho aeroplano,  
dançarino ao forte vento,  
mas trazendo tua voz, teu tato,  
teu cheiro... e assim, meu amor,  
te sentirei por inteiro.

## Causa mortis?

De repente,  
mãos me puxando,  
a luz, as vozes,  
o corte na barriga  
do cordão me separando.  
O seio quentinho.  
Nasci.

Ah...As cólicas, a dor,  
os braços amigos.  
As gotinhas na boca  
e o rápido alívio.

O difícil caminhar...  
Braços protetores  
se estendendo à minha volta,  
como o pássaro no ninho,  
atento ao primeiro voo  
de seus filhotes.

A escola, a professora,  
os primeiros amiguinhos,  
as brigas, as caçadas,  
e o tempo rápido fluindo.

Orgulho, diploma, formatura,  
a profissão em exercício.  
A sonhada mulher, a igreja,  
o casamento, lua de mel, filhos.

E o tempo passando,  
vida tranquila, pai, avô.  
Até que a política me atraiu:  
minha paz se escafedeu  
e um enfarte me matou.

## Charme

Sou um elétron por demais amante  
de uma quântica partícula do núcleo.  
Sou imprevisível, fugidio, errante,  
mas com ela sonho... ó doce Charme!

Incansável, giro sem cessar a procurando,  
em torno do núcleo atômico onde ela habita.  
Comigo se juntar está sempre recusando.  
Prefere seus amigos Botton, Down e Up.

Esperançoso, sigo alternando meu caminho  
na esperança de um dia enfim a encontrar  
pois só de longe a vejo e muito mal.

O tempo se esvai, e eu sempre aqui sozinho,  
por mais que meu curso alterne sem cessar.  
Piedade, Charme, como é triste meu destino.

\* \* \*

Obs. Charme, Botton, Down e Up são partículas  
do núcleo atômico. O elétron gira a seu redor.



## Clamor

O sol vai sumindo...  
Sozinho, na praia,  
caminha o menino.  
Comovida, o observa  
a jovem jornalista.  
Quer entrevistá-lo.  
Será tema principal  
de grande reportagem,  
que atraia o leitor  
aos sem lar, sem, escola,  
crianças sem amor.

Atenta, vai filmá-lo.  
Temeroso, o menino  
arranca-lhe das mãos  
a pequena filmadora.  
Confuso, atira o policial.  
Na areia, o aparelho  
se mistura ao sangue  
do menino caído.

Sermão na igreja lotada:  
Indignado, clama o sacerdote:  
*- Um inocente de rua morto!*  
*De repente, em réu tornado,*  
*um atento guarda protetor!*  
*Traumatizada, clama ao Céu*  
*por justiça, uma jovem jornalista!*  
*Vítimas desta vil sociedade-*  
*a que todos pertencemos-*  
*inconsciente e sem amor.*

## Consciência

Eu era nada  
quando não existia  
consciente.

Mas, nada não há,  
me diz a Ciência.

Consciente,  
eu já existia,  
nos ancestrais,  
nos animais,  
nas algas  
na sopa primordial.

Inconsciente,  
também existia  
na poeira estelar  
pós Big Bang  
me diz Karl Sagan.

Consciente  
do meu mundo interior,  
do meu mundo exterior,  
entre luzes e sombras,  
como disse o Buda,  
vou vivendo.

Que me reserva o futuro?  
Serei pó inconsciente?  
Ou no banquete festivo  
dos vermes e fungos  
estarei bem consciente?

## Coronas

Pouco sei sobre sua origem.  
Dizem que procede da China,  
depois que humanos insensatos  
seu confortável habitat destruíram:  
um animalzinho da floresta  
cuja carne muito apreciavam.

E neles, homens e mulheres,  
sem distinção de raça, status, etc e tal,  
seu novo habitat foram construindo.  
E de tal modo se acomodaram,  
que rápidos se espalharam pelo mundo,  
sufocando, exaurindo, matando.

Cemitérios e hospitais se locupletaram,  
mandingas e preces surgiram em toda parte,  
laboratórios disputando buscavam  
vacinas e remédios diversos.

E enfim, as vacinas salvadoras, as festas,  
lojas lotadas, cinemas, igrejas, praças, ...  
Mal sabem que a devastadora poluição,  
que atinge atualmente toda a Terra,  
rápida, gelos polares vem derretendo,  
liberando talvez outros ignotos seres  
tão devastadores quanto os Coronas,  
ou muito, muito, muito mais.

## Crepuscular

Crepúsculo dourado.  
Envolvido pelo sol nascente,  
pendurado no galho da mangueira,  
docemente embalado pela brisa,  
balançava o vulto do enforcado.

O grito de horror do menino!  
O desespero da mãe chegando  
e ao corpo do marido se agarrando,  
querendo da morte arrancá-lo,  
em incontido pranto

Gente vem de todo lado,  
surge a faca e cortada a corda,  
braços cuidadosos o acolhem.

Na fria lividez da face,  
a morte estampada.

- Por quê? Por que motivo?
- Triste sempre, nunca nos sorria...
- Andava muito ensimesmado...
- Quem sabe uma doença oculta...
- Ou cansaço desta tediosa vida?

Ao dourado poente daquele mesmo dia,  
agarrada ao mesmo galho da mangueira,  
docemente embalada pela brisa vespertina,  
lenta se metamorfoseava uma crisálida.

Para outra forma de vida, preparava-se,  
assim como ao crepúsculo nascente,  
o homem buscara em outro mundo  
o que neste certamente não alcançara.

## Criação

Entre quatro paredes de crua alvenaria,  
lençóis encardidos, sussurros e gemidos,  
a música brega espalhando pelo quarto  
soluços de traição e dor de cotovelo,  
os corpos se unem, mesclando secreções.  
O calor escapa pelos poros, no quarto  
abafado de ventilador quebrado.

Cumprem inconscientes  
seu maior empreendimento,  
perpetuar a espécie.

Que os deuses, em ensaios delirantes,  
vão descartando no espaço sideral,  
tentando às gargalhadas,  
a forma final.

E entre os ecos da noite que finda  
- cricris de grilos chamando pares perfeitos,  
miados de gatos namorando nos telhados,  
latidos, galos cantando, roncões de carros passantes,  
atravessando as finas paredes do motel barato-  
os corpos continuam se buscando,  
mesclando calores e humores,  
na farra universal da criação.

## Da rosa cor-de-rosa

À suavidade do sol nascente,  
desabrocha no meu jardim,  
encantadora rosa cor-de-rosa.  
Muito me apraz seu doce aroma.  
É um presente de rainha  
que a natureza me oferece.

Tanta beleza me encanta,  
mas imagino minha rosa  
ao tempo fatalmente exposta  
e as murchas pétalas rosadas,  
pelo vento carregadas  
qual tristonho funeral.

E em pó vejo transformada  
minha bela rosa cor-de-rosa.

Se tudo passa e nada é para sempre,  
desfrutemos do momento presente,  
como aconselham os poetas.

Maiakovski, o poeta russo,  
me vem então à lembrança:

*Gente é pra brilhar,  
brilhar como um farol,  
brilhar com brilho eterno.  
Que tudo o mais vá para o inferno!  
Este é o meu slogan e do sol.*

E na impossibilidade de brilho eterno,  
que seja enquanto na Terra dure  
como propôs Vinícius de Moraes.

## Depressão

Sou o anti-homem,  
o anti-matéria,  
ou matéria escura  
se assim preferirem.

Sou o que existe  
dentro do nada.

Vivo, ninguém vê.

Morto, ninguém sabe.

Sou o anti-homem,  
o anti-energia,  
ou energia escura  
se assim preferirem.

Sou o apagado  
no meio do brilho  
de toda gente.

O que nada ilumina.

Aceso, ninguém vê.

Apagado, ninguém sente.

Vivo ou morto,  
aceso ou apagado,  
ninguém sabe,  
ninguém vê.

Então me pergunto:

viver para quê?

## Desejo

Ao partir para sempre,  
não quero meu corpo  
em cinzas transformado,  
nem o desejo sob o frio  
de uma laje, despedidas,  
versos de saudade.

Quero-o sob a terra,  
onde poetas espalhem  
sementes de margarida.

E quando o perfume da murta  
chegar de longe com a brisa  
e com ele meus amigos,  
festivos, nos reuniremos.

Dali chegará numa caravela  
puxada por asas de borboletas,  
Van Gogh refletirá na tela  
o céu exacerbado de estrelas.

Aldemir trará belos gatos  
em grandes copos incrustados,  
Djanira virá num arco-íris,  
com o versátil Picasso  
e suas duplas mulheres.

Renoir colherá margaridas  
para um vaso eterno.

Chueri expressará na tela  
os bons momentos vividos  
entre carnavais e poesia.



## Despedida

Era uma vez  
um tempo sem tempo,  
um espaço sem espaço:  
universo virtual.

Então o tempo se fez tempo,  
tempo de amar...  
Espaço se fez espaço,  
espaço do amor.

Perfume silvestre,  
flores amarelas,  
cipós balouçantes:  
Floresta virtual.

A onça tranquila  
à beira do rio,  
de águas prateadas,  
era só decoração,  
na noite enluarada,  
cenário do amor.

Do amor florescente,  
sem tratos e contratos,  
daqueles que se buscam  
na busca,do perfeito entendimento.

Era tempo de amar,  
na floresta virtual.

Mas um dia,  
arruda entristeceu.

Nenhum saravá, encanto, ou feitiço  
podem mais que os Escritos  
do Destino Maior...

Não mais encontros. Desencontros.  
Não mais encanto. Desencanto.  
Separação sem adeus.

## Duplicidade

O tempo passa... o tempo voa...  
Segundo modernos cientistas  
logo estaremos nos paralelos,  
aqueles enigmáticos universos  
dos quais agora tanto se fala.

Até se diz que lá já estamos,  
porém redefinidos, um enigma,  
mais um, Eistein, socorro!  
Urgente ressuscite, venha!  
Estou confusa me imaginando  
com um enorme olho atrás  
e outro pequenino na frente.

Preciso muito de você!  
Meu Deus. Que horror!  
Que estupendo enigma,  
morar simultaneamente  
, lá e aqui, aqui e lá.

E eu que me imaginava  
apenas mísera terráquea,  
descubro a binacionalidade,  
pois sou simultaneamente.  
terrestre e extra terrestre.

Ah...Difícil até de imaginar.

E vivam os astrônomos  
simultaneamente reveladores  
das maravilhas do universo,  
embora também apavoradores  
com suas enigmáticas revelações  
mesmo sendo admiráveis.

## **E naquela noite...**

E que espantosa noite!

Estrelas faiscavam...

Cantavam pássaros noturnos,

grilos cricrilavam

chamando os pares perfeitos.

De ignoto jardim, inebriante perfume  
chegava dos jasmims.

Deitada numa rede, encantada  
com a beleza da noite maranhense,  
eu descansava das agitações do dia  
de aventuras jamais imaginadas.

Súbito, estranhos miados ouvi,  
me parecendo que na solidão da noite,  
um gato perdido procurava algo.

Mas, era um humano, logo percebi.

Por quê? Eu me perguntava.  
E me decidi por procurá-lo  
despercebida, silenciosa  
curiosa sobre tão estranho fato.

Suaves, surgiram outros miados.

Simultaneamente, iam se chamando.

Até que se juntaram numa miadeira  
de alegria, de encontro combinado.

Assim por mim interpretado.

E ali fiquei, escondida, bem perto  
de seus vultos na escuridão da noite,  
sem que ninguém me percebesse.

Vi os dois se fundirem em atos de amor  
na beleza dos Lençóis Maranhenses,  
vi o mais insólito encontro amoroso  
de toda a minha já longa existência

## Entre lírios e rosas

Na pequena cidade, violão tocando,  
uma história repete, o contador da história  
que ninguém esquece.

Havia um cão e seu dono  
nos campos dourados do trigo maduro,  
sem corvos sombrios,  
Van Gogh festivo.

Um dia, a perna ferida, o grito de dor,  
a lambida amiga, a doença fatal,  
ao moço transmite seu cão tão fiel,  
num ato de amor.

Enterrado o amigo, doente também,  
nos campos dourados, o moço, coitado,  
vê corvos sombrios seu corpo rondando...

Caminha sozinho, chega à cidade,  
ao centro da praça e já perturbado,  
o moço tão triste, sem cão, sem ninguém,  
todo mundo ameaça.

E a moça que chega, a mão estendida,  
plena de amor, a morte desafia.

Mas mão que é mordida

Passam-se os dias... O moço descansa  
no campo da morte, o moço tão triste,  
o moço sozinho que a moça não esquece.

E a doença que surge, vê corvos sombrios,  
vê o moço tão triste, vê o cão lambedor,  
que a morte trazia num ato de amor.

No meio da praça, seus gritos comovem  
a todos que passam.

A mão estendida que um dia falhara na luta  
com a morte do moço tão triste, clama por ele.

No azul do horizonte, um lenço se agita,

um lenço que chama, maior do que a vida,  
maior do que a morte, um lenço de Amor.  
E juntos repousam no campo da morte  
entre lírios e rosas, o moço e a moça,  
destino traçado, por um cão lambedor.

## Favela

Corre nas ruelas... quase alcança a porta,

lá em cima, onde nem luz havia.

A noite se enche de tiros, gritos e gemidos.

O sangue não corre pela rua, a terra o absorve.

O medo espia pelas frestas, os corações disparam.

A mãe abafa a boca do bebê que chora.

Mãos rápidas se benzem.

Gritos lancinantes morrem nas gargantas.

De lábios trêmulos, palavra nenhuma escapa.

Pega o terço, vence o medo,

vence os braços que a prendem,

chega junto ao filho que agoniza.

A noite se enche de tiros, gritos e gemidos.

O sangue não corre pela rua, a terra o absorve.

O medo espia pelas frestas, os corações disparam.

A mãe abafa a boca do bebê que chora.

Mãos rápidas se benzem.

Gritos lancinantes morrem nas gargantas.

De lábios trêmulos, palavra nenhuma escapa.

E é lá em cima, onde nem luz havia,

a escuridão só quebrada pelo brilho das estrelas

e no lampejo na boca do revólver.

Lá em cima, onde Justiça não havia

## Fuga

Pai, mãe, filhos adultos,  
respirações suspensas frente à TV.  
O clímax do filme está chegando...  
A corda se estica sobre o negro abismo  
e nela se equilibrando, segue o grande herói,  
rumo ao outro lado, à multidão,  
ao amor e à glória.  
Ou, lá em baixo, despedaçado,  
onde a morte espera.

Súbito... Ó horror dos horrores!!!  
Desembestada, voando, entra na sala...  
Uma barata!!!  
Gritos, fuga, correria...  
Pai e filhos se atropelam,  
o grande herói abandonando  
sobre o negro abismo.

A mãe irônica gargalha:  
- Ah! Bando de fracotes! Voltem!  
Que mal pode lhes fazer tão mísero inseto?  
Cadê o decantado heroísmo masculino?  
E condoída, antes que o gato a alcance,  
pela janela aberta, espanta a barata.

## Gargalhada

Pela fêmea única,  
enfrentam-se dois leões  
assaz enfurecidos.  
Do alto da colina,  
à disputa entre os machos  
a leoa assiste.

Acirra-se a luta,  
foge um dos rivais.  
Atenta, observa a leoa  
o grande vencedor.  
Um convite ao macho forte,  
um apelo inconsciente  
à perpetuação da espécie.

Do leão vitorioso,  
o sangue se esvai.  
A morte o ameaça,  
Já é quase um elo  
da cadeia alimentar  
dos urubus à espera.

A leoa se vai  
chacoalhando os pelos.  
Nem o eco responde  
aos roucos gritos de leão.  
Leão ficou sozinho,  
sozinho ficou leão.

Compadecida,  
pergunta a Mosca ao Vento,  
que a tudo aquele crime cometera Leão  
que tão cruelmente  
assim o abandone a fêmea?

E como poderia ela, mísero inseto  
Além de zumbir por toda parte,



cair nas sopas, atormentar humanos,  
enriquecer fabricante de inseticida,  
alimentar sapo e lagartixa,  
inspirar poetas e inventoresajudar  
um leão abandonado  
entre agentes da morte à espreita?

A gargalhada do vento é vendaval  
que espanta os urubus em torno.

## Gata

Gata abandonada, sarrenta, magra,  
miava sede, fome, dor, desamparo.

A mulher que passava  
pensou em milhares de crianças  
também abandonadas,  
doentes, famintas, sedentas,  
deixadas pra morrer em qualquer canto,

Mas aquela gata suja e dolorosa  
não era abstração, a dor distante,  
era concreta, tocável, ali bem perto,  
símbolo da inconsciência humana.

E na impossibilidade de adoção,  
levou cuidadosa para ela  
pires de leite, pratinho de ração  
embalados no carinho da piedade.

A gata passou a ter sua casinha  
na praça central da cidade,  
sem que alguém a molestasse.

Anônimos enchiam os pratinhos.

Um dia, a gata já não estava lá.  
A praça de repente ficou triste..  
Fora-se com ela a expressão  
Da humana bondade.

## Indagações

Pouco tempo me resta,  
nesta frequência  
em que me encontro.  
O tempo se comprime,  
quando mais necessário  
a tudo que ainda quero,  
desejo, ambiciono  
e outros muitos verbos  
de igual desempenho.

Mais o tempo se comprime,  
mais insistentes são  
minhas interrogações,  
as mesmas de sempre  
de toda gente:  
*quem sou? de onde venho?*  
*para onde vou?*

Sou peça descartável  
neste Universo que se amplia  
em galáxias se afastando,  
meu tempo encolhendo...  
Meu fim já se anuncia?

## Infinitude

Tenho a idade de todos os tempos.

Vivi centenas de diferentes vidas.

Fui alga se dividindo, multiplicando...

Fui macaca entre as árvores pulando.

Embalei-me com a música do vento

nos cipós da floresta antiga.

Fui arrastada à caverna por um elo darwinista.

Fui escrava, rainha, amante.

Sou a que chorou doloridas lágrimas,  
quando para sempre partiram os que eu amava.

O *Réquiem* de Mozart os traz de volta.

A saudade me leva a antigas paragens  
da infância e adolescência, às núpcias, aos filhos,  
aos amigos, parentes e irmãos,  
em momentos para sempre inesquecíveis.

Mágoa e alegria, esperança e frustração

se sucedem alternando-se no tempo.

Sou o espírito que não morre.

Sou a que foi, é e será para sempre.

## Invasores

Despercebidos, silenciosos,  
foram se infiltrando nas portas  
sem que nada eu percebesse.

Geometricamente se multiplicavam  
naquelas noites de eróticos festejos,  
quando aos milhares eu podia vê-los  
sob a noturna luz das arandelas,  
cumprindo festivos sua função maior:  
perpetuar a espécie.

Leves, imponderáveis, em esvoaçante  
nuvem que se dissipava ao mais leve sopro,  
aqueles ínfimos insetos voadores me atraíam,  
ignorante ainda dos meios que os nutriam.

Até descobrir que se alimentavam  
dos recônditos de minhas belas portas  
e tive que optar de imediato  
pela morte deles, réus inocentes.

O tempo escorreu em muitos anos.

Invisíveis cupins de certa forma,  
de minhas cartilagens, músculos e ossos,  
mais e mais se alimentam a cada dia.

Sou agora uma velha porta carcomida  
aos poucos devorada pelos cupins da vida  
sem que eu nada possa contra eles.

## Jogue flores

Jogue flores na Jeni,  
ela ajuda qualquer um,  
até o Chico linguarudo.

Bondosa Jeni.

Dia bonito, céu azul,  
pássaros alegres cantando,  
Jeni chega a minha casa  
carregando num potinho  
pequena muda de azaleia.  
Presentear com flores  
era o natural dela.

Azaleia que rápida cresceu,  
logo se transformando  
em bela e volumosa planta  
coberta de rosadas flores,  
cheirosas e atraentes.

Tantas que incansáveis  
borboletas e abelhinhas  
sobrevoadam todas elas  
como se delas fosse  
a poderosa rainha.

Jeni já não é neste mundo.  
No Além, eu a imagino  
conversando com anjinhos  
sobre as variadas belezas  
de nossa natureza, rios  
florestas, animais e flores.

Jogue rosas na Jeni,  
ela ajuda qualquer um,  
até o Chico talentoso.  
Bondosa Jeni.

## Lobo da estepe

Criança, sua poesia era verde/amarela.  
Cantava a beleza das florestas, o ouro,  
a grandeza da terra, o esplendor do céu,  
onde à noite cintilavam milhares de estrelas.

Adolescente, se voltou para o amor,  
belo, romântico, encanto desta vida,  
amor verdadeiro rumo à eternidade.

Adulto, a inspiração poética enfraquecia  
perante os males naturais e humanos,  
secas, enchentes, vírus, epidemias,  
crise econômica, corrupção em toda parte;  
o amor se diluindo em fortuitos encontros,  
casamentos rareando, se desfazendo...

Foi silenciando, a inspiração não vinha.  
O mal lhe parecia estar em toda parte  
qual tiririca invencível ao querer humano.

Naquela sexta- feira, andando pela praça,  
vendo as luzes coloridas nas árvores,  
deu-se conta de que o Natal se aproximava.

Gente falava de compras natalinas,  
de presentes, de nova loja na cidade,  
fazia piadas sobre notícias de corrupção...

Sentiu-se de repente o lobo da estepe,  
o homem- lobo solitário de que falava Hesse,  
incompatibilizado com a sociedade.

Tomou um porre no boteco da esquina.  
Atropelado, morto e desconhecido  
foi enterrado como indigente.

## Metamorfose

Já fui a medida de todas as coisas.

Já fui a juíza das sentenças inapeláveis.

Já fui a mais sábia entre homens e mulheres.

Já fui campeã em todas as áreas.

A minha medida tinha a exatidão

dos mais célebres matemáticos.

A minha sentença tinha a lucidez

dos mais famosos cérebros iluminados.

Meus conhecimentos abrangiam

os mais diversos campos,

Ciências, Artes, Filosofia, Crenças...

Eu era doutora em todas as áreas.

Mas, o tempo foi passando, foi mostrando

quanto era plástico o meu metro;

tudo se mostrou imperfeitamente mensurável,

desde a asa de um inseto até a galáxia distante.

Injustas mostraram-se minhas sentenças,

quando imparcialmente examinadas

as causas próximas e as distantes do delito,

o meio, a genética, o espetáculo...

Toos meus conhecimentos

corrigiram-se ao longo do tempo,

mostrando-me socraticamente

que a única certeza neste mundo

é a de que nada sabemos.



## Milagre

Segue o povo em procissão  
pelas ruas da cidadezinha  
perdida no sertão.

Homens, mulheres, crianças,  
com sua fé inabalável,  
levam nos magros braços,  
de São Pedro a imagem.

Pedem ao Santo Milagreiro  
que mande a chuva salvadora,  
e de volta traga o verde,  
o mugir do gado, a colheita,  
a música dos pingos no telhado.

Frutos mínguem nos pomares.  
Sob o negro esvoaçar dos urubus,  
definham sedentos nos pastos  
os bois e os cavalos.

E segue o povo em procissão  
pelas ruas da cidadezinha,  
rezando com muita fé.

E de repente, do nada,  
desaba a chuvarada  
encharcando toda gente,  
que entre risos e abraços,  
dá vivas a São Pedro,  
agradecendo o presente.

## Minha Alma

Leve, minha alma se liberta e cresce.

Minha alma que nunca esteve tão alegre,  
que abandona este corpo que se esvai.

Minha alma avança no espaço.

Levada pelo desejo, rumo ao infinito.

Minha alma atravessa o arco-íris  
e se pinta com as cores da alegria.

Apagam-se todas as lembranças doloridas.

Silenciam para sempre as vozes da saudade,  
da tristeza, da dor, do sofrimento.

Vão se revelando à minha alma,  
os segredos todos do Universo,  
já não há perguntas sem respostas,  
já não há corpo, agonia e morte.

E a minha alma inteira, sem recortes,  
realiza todas as minhas fantasias.

Razão e sentimento se fundem em harmonia.

Minha alma andarilha rumo ao infinito,  
desvendando veredas na eternidade.

## Morrer

Morremos um pouco todo dia:

morrem nossa juventude,

sonhos, ilusões...

Morrem os que amamos.

E vamos morrendo

em prestações.

Colhemos a flor,

o fruto,

o amor,

a alegria...

Colhemos a dor,

a tristeza,

a angústia,

a solidão...

Por fim, nos ajeitam

num buraco no chão.

## Mundos

São dourados os raios do sol nascente.  
De cada poro do meu corpo exala grande alegria.  
Deixo a Terra, viajo além do horizonte.  
Sou eu em estado de energia pura  
tal como fui um dia logo após o Big Bang.

Mergulhada no macro-universo,  
escalo muralhas de muralhas de galáxias,  
entro em berçários de estrelas, as nebulosas,  
atravesso constelações, passo por satélites,  
e cometas de longas caudas luminosas.  
Do campo do Bóson de Higgs me desvio.  
É inoportuno ser matéria agora.

Sorrindo, descabelado, olhos brilhantes,  
navegando nas ondas gravitacionais do espaço-tempo,  
vejo Einstein, tenta disfarçar, mas a mim não engana,  
a íntima glória da vitória, após cem anos.

Atravesso a seguir outro horizonte,  
mergulhando no misterioso micro-universo,  
mundo das mínimas partículas da matéria,  
imprevisíveis, inteligentes, fugidias,  
mas muito unidas entre elas.

Vejo nele o Buda entre místicos orientais  
em profundas meditações todos mergulhados.  
São senhores de essenciais saberes,  
que não se descrevem facilmente com palavras,  
mas se coadunam com as atuais teorias quânticas.  
Retorno atravessando o campo do bóson de Higgs.

Sou massa outra vez nos cotidianos afazeres,  
mas mundo também de estrelas cintilantes,  
do cantar dos pássaros, de luas deslumbrantes,  
de flores na primavera, de céu azul celeste,  
onde soberano reina um sol de ouro.

Mundo de Romeu e Julieta e um amor sem fim,

como tão bem dramatizou o poeta Shakespeare;  
*mundo dos que tanto se querem, mesmo não querendo,*  
*que se amam e não se têm,* como disse Rosa,  
Riobaldo e Diadorim.

## Natal

Como trabalhava...

De casa ao trabalho,  
do trabalho a casa.

Pontual e competente,  
elogio de toda gente,  
nunca lhe faltava.

Nada de botequins,  
papos, aperitivos,  
piadas com amigos.

Era um homem triste.

Natal quase chegando,  
sozinho, andava pela praça...

De repente, se deu conta  
dos acordes de um órgão,  
até ele, mal chegando.

Lembranças de criança,  
o arrastam à igreja  
donde os ecos distantes  
da música provinham.

No presépio, Jesus.

Jesus da sua infância  
de tão pouca alegria,  
mas de mágoas tantas

E não, não entendeu,  
o que de repente se passou:  
Jesus, braços estendidos,  
o chamava a um abraço.

Sentiu-se redimido do pecado  
da fuga de casa um dia  
e da morte da mãe, a causa,  
conforme lhe diziam.

Era sina dela, reflete agora,

todos morrem, era seu dia.  
E ele só tinha cinco anos.  
Sorri... O Natal está chegando.

## O barqueiro

No outro lado do rio, verdejavam as colinas.

Pássaros voavam pontilhando o céu.

Um pequeno pastor com leves movimentos  
soprava sua flauta, regendo o coral dos ventos  
entre ovelhas tranquilas.

Um barqueiro se aproximou.

Contrastava com a beleza que eu via,  
ou pensava ver, fruto talvez da ansiedade  
na busca da felicidade que não encontrara  
pelos caminhos da vida.

*- No outro lado, mora a felicidade.*

*Venha, preciso de companhia,*

*de um pouco de ternura,*

*que abrande esta solidão*

*e o fardo desta feiúra.*

Tais palavras me tocaram a alma.

Juntos, partimos para o outro lado.

Uma casinha de barro nos serviu de abrigo,  
a natureza nos proveu do necessário,  
qual Adão e Eva do paraíso bíblico.

E nas sombras das noites estreladas,

docemente perfumadas pela murta,

o homem feio se tornava sedutor

e imprevisto, desabrochou o amor.

O tempo foi passando

e o outro lado de onde eu viera

me parecendo mais bonito, a cada dia,

entre o verde- esperança das campinas,

barulhentos periquitos em bandos,

pipas coloridas alegrando o céu...

Mais feliz a existência ali me parecia.



Esquecidos os momentos desfrutados,  
pedi ao surpreendido barqueiro  
que me deixasse do outro lado.  
Era lá que a felicidade morava.

O tempo rolou...

Para outras margens atraída,  
sentimentos e emoções se sucederam.

Miragens apenas pelos caminhos da vida.

Felicidade só alcancei nas sombras  
daquelas breves noites estreladas,  
quando o homem feio se tornava sedutor  
e pleno desabrochava o amor.

## O menino

O sol vai sumindo...

Sozinho, na praia,  
caminha o menino.

Comovida, o observa  
a jovem jornalista.

Quer entrevistá-lo.  
Será tema principal  
de grande reportagem,  
que atraia o leitor  
aos sem lar, sem, escola,  
crianças sem amor.

Atenta, quer filmá-lo.

Temeroso, o menino  
arranca-lhe das mãos  
a pequena filmadora.

Confuso, atira o policial.

Na areia, o aparelho  
se junta ao sangue  
do menino caído.

Sermão na igreja lotada:  
Indignado, clama o sacerdote:  
*- Um inocente de rua morto!*  
*De repente, em réu tornado,*  
*um atento guarda protetor!*

*Traumatizada, clama ao Céu*  
*por justiça, uma jovem jornalista!*  
*Vítimas desta vil sociedade-*  
*a que todos pertencemos-*  
*inconsciente e sem amor.*

## Opções

No decorrer da vida, muitas vezes,  
escolhas tão difíceis temos que fazer  
que em dúvidas muitas flutuamos,  
sem se chegar a uma escolha,  
como nos exemplos a seguir.

Através da eutanásia, pode-se aliviar  
a dor de gente ou animal, desenganados  
pela Medicina e por demais sofrendores,  
ou a vida é um bem único, tão precioso  
que somente o Criador pode decidir  
sobre seu final?

Considerando-se a herança genética  
e o modelador meio físico e social,  
é justo condenar à prisão adolescentes de favelas,  
cuja infância desvalida se passou em suas ruelas,  
por pequenas infrações como furtos ocasionais?

É correto condenar à prematura morte  
um humano em formação, embrião ou feto,  
através do obstetra ou parteira de ocasião?

Se a verdade tem múltiplos aspectos,  
como queria Kafka, o grande escritor tcheco,  
como escolher o melhor desses aspectos,  
se é ele e somente ele que nos interessa?

Como perdoar aquele que publicamente  
alguém imerecidamente muito humilhou,  
trazendo-lhe marcas jamais esquecidas  
e sequelas para o reto da vida?

São estes apenas alguns exemplos  
das muitas dificuldades em escolhas  
que temos que fazer ao longo da vida.  
Que Deus nos ajude se tivermos  
que fazer nossa opção entre elas.

## Porque os amavam

Os que se vão para sempre  
tornam culpados os que os amavam.

Culpam-se pelo que fizeram,  
culpam-se pelo que não fizeram,  
como se vida ou morte  
só deles tivessem dependido.

Culpam-se como se as separações  
fossem obra apenas da vontade humana  
não atropelada pelos fatos,  
pelo carro da vida,  
cuja direção não controlamos.

Porque os amavam,  
exauriam-se em cuidados;  
dores e temores com eles dividiam.

E com eles dividiram a agonia  
na última batalha contra a morte.

E entre lembranças  
dos caminhos percorridos,  
o tempo atenua as dores.  
A saudade... continua.

## Quando ela passa

Magro, o corpo já curvado,  
a cabeleira branca emoldurando  
um rosto bronzeado do rude trabalho sol a sol,  
espera paciente que ela passe,  
que o ouro do sol brilhe mais por toda parte,  
que o céu fique mais azul com seu olhar azul  
e os acordes românticos de um piano distante  
tragam aquela mesma música  
que fala ao coração de todos os amantes.

Vai sorrir e lhe dizer: *bom-dia*,  
pondo nas palavras a emoção que o domina  
malgrado os muitos anos já vividos.

Vai passar e responder *bom-dia*,  
deixando no ar um cheiro de mulher perfeita,  
a mulher com que ele sonha a noite inteira,  
mas só tem nas manhãs sempre ensolaradas,  
de céu sempre azul e pássaros cantando  
entre acordes da música romântica  
trazida pelo vento, quando ela passa.

## Rebelião

Por conta da deformidade  
que a natureza gratuitamente lhe impusera,  
tristeza e humilhação se acumulavam.  
Gracejos não faltavam, com a melhor das intenções,  
como não faltava a compaixão,  
nem por isso menos humilhante;  
ou insultos através do riso explícito ou disfarçado.  
Não faltava também quem virasse a cara por piedade.  
E a alma se foi abarrotando, chegando ao insuportável.

Decidiu-se: devolveria ao mundo o ódio acumulado  
por pagamento de pecados jamais cometidos.

Dedicou-se à bruxaria, descobriu a iniquidade;  
chegou à força da gargalhada que amesquinha;  
descobriu a palavra mortificadora.

E do alto do seu ódio, despejou um ódio mais forte.  
Fundou o Partido dos Inconformados.  
Convenceu trabalhadores sobre injustiças no trabalho.  
Jogou pobres contra ricos. ateus contra crentes;  
feios, e deformados, malquistos da natureza  
contra felizes e perfeitos, ou assim considerados.

Venceu com seu partido.

Criaram uma bomba de efeitos mortais.

Destruíram o inimigo imundo.

Mas numa imprevista reação em cadeia,  
desapareceram também eles deste mundo.

A natureza comemorou: falta não lhe faziam os humanos.  
Um macaco, porém, começou a transmudar-se e...

## Redenção

Só nós dois, eu e você, mais ninguém.  
E a primavera chegando com leves odores,  
em formas e cores jamais entrevistas.  
De longe, a música, em cordas de sonho.

Nossos corpos liberam emoções reprimidas  
de homens e mulheres de todas as eras,  
beijos e abraços perdidos no espaço,  
sonhos suspensos na dor das partidas.

Das plagas distantes no espaço e no tempo,  
qual murmúrio de água cantante,  
chegam lamentos de tantos amantes,  
gerando arrepios no corpo e na alma.

No enlevo do momento único,  
no breve encontro, viver a eternidade.  
No carinho, redimir a humanidade,  
dos sonhos de amor um dia desfeitos.

Só nós dois...

## Romeu e Julieta

Entre miados  
dos gatos se buscando  
no velho telhado,  
surge a lua prateada.  
No jardim enluarado,  
recendem os jasmims.

Grilos cricrilam  
chamando pares perfeitos...  
Coaxam sapos inflamados  
conclamando belas fêmeas  
de olhos amarelados...

De Romeu,  
entre galhos escondido;  
de Julieta,  
enluarada no balcão,  
ecoam no jardim  
suspiros e gemidos...

Cúmplice, se esconde a Lua,  
atrás das nuvens  
de bordas douradas.

Noite de miados,  
de cricris e coaxares...  
Noite de jasmims.  
Noite de Romeu e Julieta  
namorando no jardim.



## Saudade

Muito amei e fui amada,  
adorada fui também.

Hoje vivo sem amor,  
mas não vivo muito bem.

O amor é transitório,  
porém eterno o julgava.  
Apagou-se, foi embora,  
o que jamais imaginara.

Um grande vazio eu sinto,  
quando sozinha estou.

Sei que a causa é a falta  
do amor que se findou.

Muito amo a família,  
também amigos, parentes...  
Mas o romântico amor  
é mesmo bem diferente.

Ele enche nossa vida  
de muita felicidade.

Infelizmente não dura,  
ficando só a saudade.

## Sol e chuva

Chove...

Cada gota da chuva é uma pérola,  
é graça pelo Céu mandada ao povo ansioso  
por tanto tempo o castigou a seca prolongada.

Faz sol...

É ouro que ilumina a Terra, é pipa colorida,  
é pássaro gorjeando, é praia, é alegria,  
depois de tanto tempo que tantos o esperam  
após semanas de intermitente chuva.

À janela,

pensativa, quer chova ou brilhe o sol,  
a ela pouco importa, seu tempo é de dores,  
seu tempo é de total indiferença.

Fiapos

de lembranças invasoras  
vão porém chegando, se aninhando,  
tomando-lhe o comando da mente.  
Retorna aos áureos tempos de criança.

Esquece

as dores no corpo, é outra vez menina.  
Sai à chuva sem bota, capa e guarda-chuva.  
Compadecida, vai se recolhendo a chuva.  
Compreensivo, surge rápido o sol.

Preparou-se

vestiu maiô, touca e um sorriso.  
Sentada na areia, quer agora bronzear-se.  
Súbito, cai outra vez a chuva.  
Rápido, amigo, aparece o sol.

## Tarde demais?

O céu era azul na manhã esplendorosa  
e nele brilhava um sol de ouro.

Que formidável fonte de energia!

Limpa, gratuita para todos.

Que riqueza dada ao homem!

Mas, por séculos e séculos,  
simplesmente a ignoramos,  
ela, que a nós tanto serviria:  
para mover as máquinas,  
iluminar ruas, praças, casas...

Cegos, em busca de energia,  
Impiedosos, as florestas cortamos,  
devassamos terras e mares,  
em busca do rico petróleo,  
e com seus usos fomos poluindo  
a terra, o ar, rios e mares.

Novas doenças foram aparecendo  
e guerras pela posse do petróleo.  
Novas fontes energéticas surgiram  
como a oportuna energia nuclear,  
mas que ao lado de tanto bem  
muito mal tem também provocado.  
Hoje, já se capta a energia eólica,  
que também, ajuda a humanidade.

O tempo vai passando, passando...

No céu azul, brilha ainda um sol de ouro,  
porém, a poluição vai envolvendo a Terra,  
matando humanos e animais.

Sobreviveremos lutando contra ela?

Ou, tarde demais?

## Verdade

Interessada na dignidade humana,  
a Verdade procureava em toda parte.  
Ansiava por ela inteira, imutável,  
não aquela verdade de ontem  
logo transformada na mentira do amanhã,  
passageira, fugidia, inconfiável.

E a procurei nos campos e cidades,  
entre ricos e pobres, homens e mulheres,  
nos livros, escolas, mesas redondas,  
na Ciência, na Filosofia, até nas Artes,  
e a encontrando, mas fragmentada.

O tempo foi passando, passando...  
Onde a Verdade tal qual a desejava?  
Cansada, quase perdida a esperança,  
num último alento, fui além do humano:  
dos olhos do Hubble me apropriei.  
Com eles mergulhei nas entranhas do universo  
e entre cometas, estrelas, buracos negros,  
busquei a verdade além do Big Bang  
sem a encontrar.

Entrei depois no universo quântico,  
a versão micro do universo macro.  
E entre partículas difusas, mutáveis,  
fugidias, também incansável a procurei.  
Mas não encontrei o que buscava.

Para encontrá-la, pensei, era preciso mais,  
mais que um olhar devassador de espaços siderais.  
Era outro o caminho, talvez penetrar no íntimo  
da humanidade, ali bem escondida estaria ela?

E apossando-me da percepção de Freud,  
mergulhei na psique de homens e mulheres,

e penetrando num mundo oculto,  
desconhecido até dos próprios possuidores.  
Mundo de angústias, sofrimento e dor,  
mundo definidor das diretrizes da vida.

Faltam-me palavras descritivas desse mundo oculto  
com que me deparei, e nele me enredei de modo tal  
que apavorada fugi dali, sem que a verdade procurasse,  
e despertando só tristeza e dor pela humanidade,  
na sua longa marcha, rumo a quê? Ao nada?

Mas, tornava-se premente encontrá-la,  
ainda que ignotos fossem os caminhos.  
Crescia minha angústia, ervi-me então  
da lucidez de Nietzsche,  
apossei-me do super-homem,  
vi a humanidade a meus pés.

Era frágil, subjugada, acima de tudo, cega,  
ao que tão claramente eu pensava ver agora.  
Enfim, a tinha encontrado, ali a Verdade,  
quando um filósofo grego surgiu em meu caminho.

E cobrindo-o de sombras,  
arrastou-me a uma caverna escura  
enquanto lá fora o sol dourava o mundo.  
Lutei com as forças todas rumo à luz,  
era lá que estava ela, podia percebê-la,  
mas o brilho do sol me ofuscava o olhar.  
Senti que jamais a possuiria como desejava.  
A Verdade era apenas reflexos da luz solar.

Mergulhara na mais profunda tristeza,  
quando, Kafka, um jovem compassivo,  
sentou-se a meu lado e falou-me brandamente,  
*- Inútil a tua procura, a Verdade tem mil faces,  
jamais a encontrarás na integridade.*

## **Viva Descartes!**

Sou Zero, sou nada perante a beleza,  
a imensidão, e os indecifráveis  
enigmas do universo.  
Nada fui, nada serei,  
logo nada sou.

Não, sou, sim,  
sou parte integrante  
de um eterno processo,  
a única possível eternidade,  
que o diga Lavoisier,  
o grande cientista francês  
e suas indiscutíveis verdades.

Mas...em que universo?  
Teria o grande Lavoisier errado  
e sou nada, um zero, nada mais?  
Não, não, claro, Zero não sou,  
pois sei que Zero eu sou.  
Penso, logo existo!  
E viva Descartes.

## Premiações

### Abandono

- Varginha, MG, Secret. da Cultura, Festival Poesia Falada 2008
- II Conc. Nac. de Poesia, Poeta Cyrillo R Sousa, Poesia, 2008
- São Lourenço, RS, Concurso Pérola da Lagoa, 2008
- Ubiratã, PR, Prêmio Dino di Martini de poesia, 2008
- São João da Boa Vista, Academia de Letras, concurso poesias, SP, 2008
- Bragança Paulista, SP, IX Conc. Poesia Teresinha D. Megale, ASES, 2008
- Maringá, PR, Unifamma, III Varal de Poesia, 2008
- Campinas, SP, Grupo Cria Literária, I Concurso de Poesias, 2008
- Campo grande, MS, Arauto, Órgão literário da Assoc. Novos Escritores, 2008
- Maracajá-Ilha do Governador, RJ, IV concurso literário, 2008
- Colatina ES, 4º conc. nacional de poesia, Prêmio A Romano Santana, 2008
- Rio, RJ, Taba cultural, Concurso: Mulher: Eterno Tema, 2009
- Casca, RS, Jornal Hoje, Antologia *Mulheres que Escrevem*, 2009
- Campos do Jordão SP, 1º Prêmio Araucária de Literatura, 2009
- Governador Celso Ramos, SC, Concurso Mário Carabajal de Poesias, 2011
- Campos de Goytacazes, RJ, Festival de Poesia Falada, 2011
- Ponta Grossa, PR, APLA, concurso de Poesia moderna, 2014
- Gramado, RS, Ed. Porto de Lenha, MPB, Miscelânea Poética Bras. 2019
- Feira de Santana-Bahia, 2021
- **Revista Fluxos** - concurso Aliteração, 2020

### A minha alma

- Leiria, Portugal, 5ª antologia de poetas lusófonos, 2012
- Salvador, BA, Concurso de poesias Valdeck A. de Jesus, 2012
- Vinhedo, SP, AMLAC, Acad. Metropolitana de Letras, 2012
- Rio, RJ, Ed. Guemanisse, Conc. conto e poesia, 2012
- Rio Grande, RS, Academia Rio-Grandina de Letras, 2013
- Ocara, CE, concurso Zé Mitoca, 2013
- Aracaju, SE, Editora Brasil Casual, 2015
- 10- São Pedro do Sul, RS, antologia da Capos, 2015
- 11 – Ed. Trevo, Poesia Agora, 2020

### Ao luar

- Rio, RJ, Hospital do Serv. Munic. da Saúde, 2009
- Américo Brasiliense, SP, Buriti Cronicontos, 2010
- Varginha, MG, Ed. Alba, Concurso Nac. Prosa e verso, 2011

### A queda dos conjuntos

- São João del Rey, MG, Universidade Federal, 11º conc. poesias-2011
- Varginha, MG, Secretaria da Cultura, Prefeitura, Fest. de Poesia Falada, 2011
- Capivari, SP, CNEC, 11º Concurso Nacional de Poesias, 2011
- Rio de Janeiro, RJ, Ed. Guemanisse, Conc. conto e poesia, 2012

### A revolta

Bagé, RS, Universidade Federal do Pampa, 2017

### **A rosa vermelha**

- Irati, PR, Alacs, Acad. de Letras, Artes e Ciências do Centro Sul, 2012
- Cachoeiro do Itapemirim, ES, Acad. Cachoeirense de Letras -2012
- São João da Boa Vista, Academia de Letras, 2013
- São Pedro do Sul, Casa do Poeta, Antolog. Capos, 2013
- Varginha, MG, Secret. da Cultura, Prefeitura, 2016
- Aracaju, SE, Ed. Brasil Casual, antologia, 2016
- Gramado, RS, Ed. Porto de Lenha, Antolog. de poetas brasileiros, 2017
- São Luís Gonzaga, RS, ASAS, 2018
- Rio, RJ, APERJ, 2018
- Cruz Alta, RS, coletânea A rosa dos ventos, 2020

### **Canaã**

- Caçu, GO, Prêmio Revelações do 3º Milênio, 2006.
- Teresópolis, RJ, Ed Guemanisse, antologia Elos & Anelos, 2008.
- Maceió, AL, Conc. Notas Literárias, Frei João de Santa Ângela, 2009.
- Ribeirão Preto, SP, Secretaria Mun. Cultura, Prêmio Ziraldo, Feira do Livro, 2010.
- Paranavaí, PR, FEMUP, 45º Festival Nac. Música, Conto e Poesia, 2010

### **Canto ao Amor**

- Ovar, Portugal, Concurso *Dar Voz à Poesia*, 2006
- Campos dos Goitacazes, RJ, VIII Fest Campos, 2006
- Rio Grande, RS, concurso Mirinha, 2006
- São Lourenço, RS, Concurso Pérola da Lagoa, 2006
- Salvador, BA, Arte Bahia-antol.: Os 50 melhores poetas novos do Brasil-2006
- São Paulo, SP, Feder. Brasileira de alternativos culturais -FEBAC-2008
- Vitória, ES, Revista Cultura, 2010
- Florianópolis, SC, Grupo de poetas livres, Concurso Licinho Campos--2012
- Varginha, MG-, Ed. Alba, Conc. Paixão em Prosa e verso, 2012
- Volta Redonda, RJ, Concurso IV Coletânea do séc. XXI, 2013
- Aracaju, SE, Ed. Brasil Casual, 201

### **Carta**

- 1- Rio de Janeiro, RJ, Abrammil, 2014
- 2 - Américo Brasiliense, SP, Ed. Alternativa, 2016
- 3 - São Mateus, ES, Acad. Mateense, ano liter. Elza Cunha, 2017
- 4 - Rio, RJ, Taba cultural, antologia, 2017,
- 5 - São Paulo, SP, Ed. Big Time, 2017
- 6- Gramado, RS, Editora Porto de Lenha, 2018

### **Charme**

- Rio, RJ, APERJ, concurso de poesias, 2017
- Aracaju, SE, Ed. Brasil Casual, antologia Poesifique-se, 2017
- São Paulo, SP, PoeArt- IX Seletiva Nacional de Poesia – 2019

### **Da rosa cor-de-rosa**

- Gramado, RS, Ed. Porto de Lenha, Miscelânea Poética I- 2018



### **Despedida**

- Faro, Portugal, Rotary Clube Internacional, Conc. Poesia livre, 2004
- Goiânia, GO, Concurso Nacional de Literatura, Poesia, 2005
- Pelotas, RS, Clube Pan Americano, Rotary, Antologia: Anais do IX Conc. Intern. 2004
- Gravataí, RS, Concurso de Poesias, 2004
- Rio, RJ, Edit. Mar de Ideias, concurso de poemas, Antologia, 2004

### **Favela**

- Rio de Janeiro, RJ,APERJ, 2005
- Santana do Parnaíba, SP, concurso de poesias, 2005
- Rio, RJ, Edit. Mar de Ideias,Antol. Nacional de Poesia-2005
- São Luís Gonzaga, RS, ASAS, 15º concurso-2005
- Rio Grande, RS, Concurso Mirinha,2005/06
- Salvador, BA-Concurso Intern. de Poesia A.C. Melo, 2006
- Ovar-Portugal, Câmara Municipal, IV Coletânea: Dar voz à Poesia, 2006
- Instituto Piaget, Portugal, 2008-antologia: A Casa do Sol é Azul-2008
- Salvador, BA, IV Prêmio Literário Valdeck A.de Jesus, 2008
- Piracicaba SP, III Conc. Poesia Costa da Mata Atlântica, 2009
- Teresópolis, RJ, Ed. Guemanisse, 8º conc. contos e poesias, 2009
- Pelotas, Rotary, Pelotas Norte e delegacia de Ensino, 2011
- Aracaju, SE, Ed. Brasil Casual, 2012

### **Fuga**

- Alumínio, SP, Editora Jogo de Palavras, 2019

### **Gargalhada**

- Américo Brasiliense, SP, Prêmio Buriti de poesia, 2013.
- Barueri, SP, X Prêmio Barueri de Literatura, 2013

### **Gata**

Academia de Letras e Artes de Araguari MG

Antologia 40 Anos-2008

### **Infinitude**

- Rio, Madureira, RJ, Academia Madureirense de Letras, 2014
- São Paulo, SP, FEBAC, Feder. Brasil. de alternat. Culturais, 2015
- Ituiutaba, MG, ALAMI,Concurso de Poesias, 2015
- Brasília, DF, 4.º Concurso *O Velho Matemático*, poesia, 2015

### **Invasores**

- S. João Del Rey, MG, Univ. Fed. Antología, 2016
- Ponta Grossa, PR, APLA, antol., 2017
- Feira de Santana, BA, 2019
- São Paulo, SP, Nikkei Bungaku, concurso Bunkio, 2022

### **Lobo da estepe**

- Rio, RJ, APERJ,VI Festival de Poesia Falada do Rio de Janeiro, 2013
- Jacarey, SP, Acad Jacarehyense de Letras, 2013
- São Paulo, SP, Casa do Poeta, antol: O olhar da língua port. no mundo, 2017
- São Luís Gonzaga, RS, ASAS, 2018

- Feira de Santana, BA, Revista LiteraLivre, 2019

### **Metamorfose**

- Varginha, MG, Fest Poesia, SE da Cultura, 2010
- Maringá, PR, Unifamma, Univ. Metropolitana de Maringá, 2010
- Veranópolis, RS, concurso Mansueto Bernardi, 2010
- São Paulo, SP, Jornal Leitura do Bairro, 2011
- São Paulo, SP, FEBAC, Federação Bras. Altern. Culturais, 2012
- Leiria, Portugal, Antologia de Poetas Lusófonos, 2014
- Porto Alegre, Ed conceito, conc Evolução dos pensamentos, antolog. 2016,
- S. Pedro do Sul, antol. CAPOS, 2017
- Gramado, RS, Ed. Porto de Lenha, 2018

### **Minha alma**

- Leiria, Portugal, 5ª antologia de poetas lusófonos, 2012
- Salvador, BA, Concurso de poesias Valdeck A. de Jesus, 2012
- Vinhedo, SP, AMLAC, Acad. Metropolitana de Letras, 2012
- Rio, RJ, Ed. Guemanisse, Conc. conto e poesia, 2012
- Rio Grande, RS, Academia Rio-Grandina de Letras, 2013
- Ocara, CE, concurso Zé Mitoca, 2013
- Aracaju, SE, Editora Brasil Casual, 2015
- 10- São Pedro do Sul, RS, antologia da Capos, 2015
- 11 – Ed. Trevo, Poesia Agora, 2022

### **Morrer**

- 1- Centro dos Escritores Lourençianos -S. Lourenço-RS- 2007
- 2 – Prêmio Valdeck de Poesia -Salvador – Bahia 2007

### **Porque os amavam**

- Ponta Grossa, PR, Secret. Municipal de cultura e Turismo, conc. poesias, 2013

### **Redenção**

- Niterói, RJ, Universidade Federal, ° Prêmio UFF de Literatura, 2009
- Colatina, ES, Secretaria da Cultura, Prefeitura, 2009
- Salvador, BA, Concur Valdeck de Poesia, Antologia Poética, 2009
- Aparecida, PB, XV FESERP, Festival Sertanejo, Prêmio Augusto dos Anjos, 2009
- Piracicaba, SP, Clube dos Escritores, 2010
- Santa Maria, RS, concurso VirArte, 2013
- Porto Alegre, RS, Ed. Alternativa, 2017
- Aracaju, SE, coletânea *Uma flor que se chama poesia*, Ed. Brasil Casual, 2018

### **Romeu e Julieta**

- Goiânia, GO, Concurso de Poesias, Editora Videira, 2011.
- Niterói, RJ, , Universid. Federal Fluminense, UFF, conc. poesias, 2011
- São Luís Gonzaga, RS, ASA, 2017